

Haddad espera inflação de 10% este ano

O brasileiro não vai poder comemorar a queda da inflação este mês. O ministro do Planejamento, Paulo Haddad, prevê que "o índice de janeiro será maior que o de dezembro, mas em fevereiro começa a declinar. No final do ano estará próxima a dez por cento e chegaremos em janeiro de 1995 com algo em torno de dois a quatro por cento ao mês".

Haddad fez questão de observar que "esses números não são metas nossas, não constituem compromissos específicos de Governo, mas aspirações que vamos buscar realizar com muito trabalho. O presidente Itamar Franco, com certeza, vai deixar o Governo com taxas civilizadas de inflação", prometeu Haddad.

A inflação de dezembro, de acordo com vários institutos de pesquisa situa-se entre 23 e 25 por cento. A expectativa para janeiro, conforme consultores privados é de índice próximo a 26 por cento, influenciado pelo aumento de quase 140 por cento no salário mínimo, o que tem peso em uma economia oligopolizada.

Discórdia — O ministro Paulo Haddad não acredita que o aumento do salário mínimo seja inflacionário, porque ele está em um nível muito baixo, inferior a cem dólares. Nos anos JK o salário era de 200 dólares", lembrou. "Além disso, há capacidade produtiva industrial ociosa", reforçou.

"A queda será obtida sem choques, sem surpresas. Todas as

medidas serão anunciadas com antecedência e a maioria delas passará pelo Congresso Nacional, onde toda a sociedade poderá debatê-las. Não haverá quebra de nenhum contrato existente, ou seja, o mercado continuará tranquilo quanto a preços, aluguéis, salários, aplicações financeiras" reiterou Haddad.

O ministro afirmou que "o Governo está preparado para enfrentar essa situação. Não vamos entrar em desespero com o pequeno aumento de janeiro ou qualquer outro que porventura vier. Também não vamos comemorar qualquer queda consecutiva da inflação. Sabemos que esse processo vai requerer muito trabalho e é isso que faremos", garantiu.

Conjuntura — Haddad avaliou que a conjuntura atual é bem mais propícia para a queda da inflação do que a de 1992, por exemplo. "Não precisamos mais devolver cruzados confiscados, o que aumentaria o volume de moeda em circulação na economia. O nível de reservas cambiais é satisfatório (superior a 20 bilhões de dólares) e não precisamos de entrada rápida de dólares no País, o que também aumentaria o dinheiro em circulação e nos levaria a emitir títulos para retirá-los", começou a explicar o ministro.

"O ajuste fiscal, a ser aprovado pelo Congresso Nacional em janeiro (este mês), deverá ajudar o

País a terminar 1993 com superávit primário de dez bilhões de dólares, ou seja, 2,5 por cento do PIB. Isso significa que o Tesouro Nacional vai pagar mais títulos do que emiti-los.

Como exemplo técnico de que o mercado espera queda da inflação de 1993, Haddad citou o último leilão de títulos do Tesouro Nacional, realizado quinta-feira. "Os títulos de 15 meses foram vendidos com taxas de juros reais de 18,10 por cento, enquanto os de 90 dias a 20,50 por cento. Ou seja, as notas de prazo maior foram vendidas com taxas menores", concluiu.

Perda de Zeros — Outro fato que Haddad afirmou vir a contribuir para a queda da inflação será "O uso de recursos orçamentários para investimento. Os programas do Governo não serão bancados com emissão de títulos. As verbas a serem aplicadas não serão, portanto, inflacionárias".

O cruzeiro deve mesmo perder três zeros este ano. O presidente do Banco Central, Gustavo Loyola, afirmou que "existem estudos nesse sentido, que serão apreciados pelo presidente Itamar Franco e, se ele julgar conveniente, enviados ao Congresso Nacional. A medida é prática, não está ligada a nenhum choque. Simplesmente existem problemas contábeis para as empresas em geral, para as calculadoras e caixas de supermercado suportarem tantos zeros", tranquilizou. (S.S.).